

Professores lideram pesquisas no AquaRio

VALENTINA LEITE

Estudante da ECO-UFRJ e Estagiária

Pouca gente sabe, mas o recém inaugurado AquaRio conta com ativa participação acadêmica de professores e alunos da UFRJ. Ao todo, 13 pesquisadores da universidade se dedicam a estudar e acompanhar as espécies do maior aquário marinho da América do Sul, na Zona Portuária. A UFRJ compõe 50% do comitê científico do aquário, que em breve abrirá um edital de pesquisas para novos projetos.

O foco das investigações lideradas pelos docentes do Instituto de Biologia é a comparação entre os animais de cativeiro e os da natureza. Há vários estudos sendo desenvolvidos com corais e arraias. Um dos principais é o que avalia o estresse dos animais que estão nos tanques. Os grupos responsáveis são o Laboratório de Biologia e Tecnologia Pesqueira, do professor Marcelo Vianna, e o Laboratório de Microbiologia Marinha, dos professores Alexandre Rosado e Raquel Rosado.

Há também toda uma preocupação

com a educação ambiental do público. De acordo com o professor Marcelo Vianna, vice-diretor do Instituto de Biologia e um dos envolvidos na iniciativa, a ideia é sensibilizar os visitantes com os problemas ambientais que afetam os oceanos. “Queremos criar consciência ambiental e fazer com que saiam de lá mais atentos aos desafios enfrentados pelos seres marinhos”, explica.

Alunos da graduação fazem o trabalho de monitores. “Estamos formando biólogos aqui. Tem aula melhor do que essa?”, comenta o professor.

ADUFRJ DEFENDE REITOR E ESTUDANTE

■ A diretoria da Adufrj-SSind repudia a ação do Ministério Público que pede a responsabilização judicial do reitor Roberto Leher e da presidente do CA da Engenharia, Thais Rachel Zacharia, pela participação em evento realizado em abril do ano passado, em defesa dos direitos sociais e políticos.

O ato, intitulado UFRJ em Defesa dos Direitos Sociais, Políticos e Democráticos, foi

realizado em praça pública. A Adufrj considerou a atividade de fundamental importância, e participou ativamente de sua organização. A presidente do sindicato, Tatiana Roque, fez inclusive um discurso na ocasião, reafirmando a importância de debater temas políticos e sociais na universidade.

Consideramos que a criminalização da política é um perigo para o exercício da democracia e que é papel da universidade discutir o momento

político do país, reunindo a comunidade universitária e os movimentos sociais. A atividade não teve caráter eleitoral nem partidário, mas foi uma atividade política. Acreditamos que a universidade não pode se furtar ao debate público, buscando intervir quando necessário nos rumos do país, sobretudo quando está em jogo o desmonte da educação e da saúde públicas.

Ações afirmativas crescem na pós-graduação da UFRJ

O número de programas de pós-graduação com vagas para cotistas saltou de dois para oito em menos de um ano. Até 2015, apenas a Antropologia Social do Museu Nacional e a História Comparada ofereciam ações afirmativas em seus editais para o mestrado e doutorado. Em 2018, a universidade oferecerá 10 cursos de pós com cotas.

A informação é de levantamento realizado por um Grupo de Trabalho do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) no ano passado.

As novas vagas são na História Social, na Educação, no Direito e nos programas de Planejamento Urbano e Regional, Políticas Públicas em Direitos Humanos e o mestrado profissional em Ensino de História. “Todos com editais para 2017, observando a reserva de vagas”, explica a pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa (PR-2), Leila Rodrigues. Já Filosofia e Lógica e Metafísica aprovaram, “mas só incluirão as cotas nos editais para ingresso em 2018”, completa.



Agência Brasil

Cotas em alta: mais espaço no mestrado e no doutorado da UFRJ

CRESCIMENTO

A tendência é que o número aumente. O CEPG aprovou, na última reunião de 2016, em 16 de dezembro, uma manifestação favorável à adoção de políticas afirmativas na pós. A pró-reitora destacou que não se trata de uma resolução, mas de “um posicionamento político”.

Segundo ela, não há intenção de levar ao Consuni uma proposta de percentuais ou modelo de cotas para toda a uni-

versidade. “Impor não funciona. Respeitar as especificidades dos programas é uma diretriz para nós”, argumenta.

INCENTIVO

Como há escassez de recursos e com os pós-graduandos fora do sistema de assistência estudantil da UFRJ, Leila reconhece os limites da iniciativa: “Há um consenso de que não é possível implantar cotas sem assistência. Mas não há uma rubrica para isso ainda. Faremos o que for possível dentro dos recursos que já contamos na PR-2”. A ideia é “estimular

a adesão voluntária”.

A distribuição de bolsas estudantis, bolsas-sanduíche e vagas de professor visitante são alguns dos exemplos citados. “Uma vez que temos essa posição do CEPG, a realização de ações afirmativas será incluída como um dos critérios para distribuição destes recursos”. De acordo com a PR-2, o MEC disponibiliza para a UFRJ 100 bolsas para pós-graduandos ao ano.

Aulas da fisioterapia ameaçadas

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufjrj.org.br

Mais incertezas sobre o primeiro semestre de 2017. Depois da Arquitetura, é a vez do curso de Fisioterapia anunciar que suas atividades poderão ser suspensas por falta de estrutura. A medida afeta 450 alunos. O início das aulas está previsto para 13 de fevereiro.

“A decisão foi tomada quando soubemos que mais uma vez não será cumprido o prazo de entrega de laboratórios para as aulas práticas. O prazo era 20 de janeiro”, explica a professora Sara Menezes. Ela afirma que os laboratórios de didática são “o coração do curso”. “Não há como formar alunos de um curso essencialmente prático sem atuação prática. É como graduar um cirurgião sem ter feito nenhuma cirurgia”.

A Fisioterapia perdeu seu espaço didático com a implosão da perna seca do Hospital Universitário em dezembro de 2010. De acordo com o curso e a reitoria, uma medida paliativa foi pactuada em reunião com a direção do Hospital, no final de 2016. “A solução definida foi o uso do quinto andar do hospital para o curso. A Fisioterapia iria ocupar três

salas da ala 5C”, informou a assessoria da reitoria.

Até agora, no entanto, a entrega da área não se concretizou. O diretor do hospital, Eduardo Côrtes, nega que tenha concordado com prazo de 20 de janeiro. Ele afirma que se comprometeu apenas em verificar a viabilidade da liberação do local, o que não se confirmou em função da área oferecer risco de infecção. A alternativa seria uma ala vizinha, que depende da mudança do setor que lá está e de recursos da universidade para uma reforma de adequação.

Côrtes afirmou que o “HUCCF cumpre sua responsabilidade no treinamento de práticas com pacientes. Mas montar laboratório didático não é atribuição do hospital”, citando a reitoria e a Faculdade de Medicina.